

A poética de Barros e Copetti no Pantanal
The poetics of Barros and Copetti in the Pantanal

Dorcas Pinto Paiva ¹

RESUMO

A proposta central deste artigo gira em torno da arte em seu papel influenciador das emoções humanas. Realizado a partir da arte fílmica de Mauricio Copetti em “*Planuras*”. E a obra “O guardador de Águas” de Manoel de Barros. Em minha leitura procuro destacar a narrativa poética, textual e imagética do filme. Para tanto, tomo como referência as discussões teóricas sobre Arte, cinema, língua, linguagem e literatura

Palavras chave: Poesia – pantanal sul mato grossense– filme

ABSTRACT

The central proposal of this article revolves around art in its role of influencing human emotions. Made from the filmic art of Mauricio Copetti in “*Planuras*”. And the work “The Water Keeper” by Manoel de Barros. In my reading, I try to highlight the poetic, textual and imagery narrative of the film. For that, I take as a reference the theoretical discussions on Art, cinema, language, language and literature (BARROS) (DELEUZE-GILLES) and (ROBERT LESTON).

Keywords: poetry- pantanal sul mato grossense – film

INTRODUÇÃO

Proponho, neste artigo, reflexões sobre o diálogo presente entre as formas de narrativa: Cinema e Literatura, a partir do suporte e dos diferentes meios usados e da percepção que são vistos pelo expectador/leitor, ou seja, que efeitos um espaço sensorial experimentado em sua totalidade pode provocar em que desfruta da poesia-imagem.

A linguagem presente na poesia de Manuel de Barros “O guardador de águas” publicado em 1989, dialoga enquanto inspiração com a construção artística de Filme “*Planuras*” de Mauricio Copetti, (2014) na elaboração da sua obra fílmica *Planuras*. Ela

¹ Mestranda – 2022- Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Mestrado Acadêmico em Letras Estudos Literários / Poéticas da Modernidade. Especialista de Educação na Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul desde 1990. Licenciatura Letras/Inglês- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2019. Licenciatura Plena em Pedagogia: supervisão e administração Escolar- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 1989.

relaciona e aproxima o homem natural, narrando uma vida excepcional misturada a natureza selvagem do Pantanal.

Investiguei a pertinência dessa proposta a partir de metodologias que explorem todos os elementos constitutivos dessa arte, não apenas para trabalhar questões temáticas, mas analisar as possibilidades sociais e culturais oferecidas.

Acredito que o texto literário escrito na solitude é respondido, por inúmeras formas de apresentação, esses diálogos podem aparecer dentro do filme com a atividade dos personagens e o desenvolvimento da narrativa por meio dos elementos que compõem a estética do filme como por exemplo: a trilha sonora, a fotografia e o roteiro que pode ser adaptado ou não; e também entre as pessoas que constroem suas memórias de leitura por meio da cinematografia.

O POETA E A SUA LINGUAGEM

As obras de Manoel de Barros e Mauricio Copetti estão entre as que traduzem o movimento transitório, o caráter da incerteza que buscam romper por meio de aparatos e conhecimentos estéticos próprios da América latina e buscam ir além dos discursos eles vão diluindo os limites espaciais e temporais conforme definiu (ROBERT LESTON, 2013) ...” Kairos deve ser primeiro uma fonte de experiência. Como um efeito de experiência humana, está vinculado as restrições de experiência humana de tempo e lugar”.

Manoel de Barros poeta -mato-grossense, desde a década de 30, do século XX publicou suas obras fazendo delas um grande trabalho com os códigos linguísticos. Apesar de nascer em Cuiabá-MT se considerava sul-mato-grossense. Os poemas de Barros foram expostos ao público nos anos 80 por Millôr Fernandes, atualmente é reconhecido como um dos mais originais poetas do século XX e mais importantes do Brasil.

A força propulsora dos dois poetas encontra-se a margem do grande Mar do Xaráés, são dois artistas que utilizaram o elemento água, para criar e se mover na fronteira entre real e o imaginário. As relações da Literatura com o cinema, entre complexos culturais nos limiares fronteiriços da ARTE, tendo em vista a obra de Manoel de Barros “O guardador de Águas” Bernardo (personagem fictício), dialoga com o filme planuras enquanto inspiração para o uso do aparato cinematográfico da obra fílmica de Mauricio Copetti possibilitando um diálogo entre o cinema e literatura instaurando sentido nos processos que se movem dinamicamente.

A construção poética de Manoel de Barros, por meio de metáforas, nada mais são do que criar o inimaginável, um recurso comum de expressar o que não lhe serve. De forma inédita ele vai construindo a relação do homem com a terra, por meio da construção no imaginário infantil:

“Quando de primeiro o homem era só, Bernardo era. Veio de longe com sua pré-história.

(...) É muito apoderado pelo chão esse Bernardo. (...) Bernardo está pronto a poema. Passa um rio gorjeado por perto. Com as mãos aplaina as águas. Deus abrange ele. (BARROS, 2003: p. 41.).

Esse é Bernardo. Bernardo da Mata. Apresento.
Apanha um pouco de rio com as mãos e espreme nos vidros
Até que as águas se ajoelhem
Do tamanho de uma lagarta nos vidros.
No falar com as águas rãs o exercitam.
Tentou encolher o horizonte
No olho de um inseto – e obteve!
Prende o silêncio com fivela.
Até os caranguejos querem ele para chão.
(BARROS, 2006:10)

Bernardo é quase árvore.
Silêncio dele é tão alto que os passarinhos ouvem
de longe.
E vêm pousar em seu ombro.
Seu olho renova as tardes. (...)
(...) Bernardo desregula a natureza:
Seu olho aumenta o poente.
(Pode um homem enriquecer a natureza com a sua
Incompletude?) (Barros, 2001)

A performance de Bernardo pode ser comparada ao jeitão do homem pantaneiro na sua lida diária, tal homem é desconhecido dos homens ditos “civilizados”, ou seja, o universo do pantaneiro em vários momentos é subestimado nas suas potencialidades. O próprio pantaneiro, que vive nesse ecossistema, é visto pelos homens de cultura letrada como aquele que conversa muito e trabalha pouco. Para Manoel de Barros o homem pantaneiro é aquele que expande seus limites comunicando o seu cotidiano por meio de metáforas assim definidas “O peão de culatra e bicho-de-porco, porque vem por detrás. E pessoa grisalha e cabeça de paina. Cavalo corredor e estufador de blusa” (BARROS, 2007, pág. 34).

APRESENTAÇÃO DO FILME E CINEASTA

Filmado desde 2011, a produção teve o patrocínio da Famasul Federação da Agricultura e pecuária de MS e investimento do FIC MS e mostra o movimento das cheias dos últimos anos com um discurso estético próprio, sem a preocupação com a linearidade. Proporciona descobertas e reflexões sobre os aspectos culturais históricos e sociais a partir de depoimentos que mais parecem devaneios do imaginário dos depoentes do que entrevistas tradicionais.

Contemporâneo e sem cronologia, planuras as impressiona imagens que personificam os depoimentos em cenas de uma beleza singular. Copetti ressalta ainda que “não é sobre fauna,

flora ou homem pantaneiro, mas sobre o personagem principal a própria paisagem e sua composição climática, sons e cores, sua cosmologia e as pessoas que estão integradas nela.

Nascido na cidade gaúcha de Ijuí, Mauricio veio para Mato Grosso do Sul em 1992 e se fixou por aqui a partir de 1998, depois de uma temporada de vivência e estudos na Europa. Mauricio Copetti já é conhecido no Brasil e fora dele por retratar o universo pantaneiro. Entre suas produções, o primeiro foi o documentário Delta de Salobra que faturou quatro prêmios em festivais de cinemas nacionais. A seguir, produziu o curta de ficção “Nanquim” e desde então também fotografou filmes de outros diretores e produziu em associação com a BBC Bristol, o telefilme “Raising Sancho”.

Segundo Copetti, a intenção das produções é provocar reflexão em quem já conhece as paisagens de como cuidar e relacionar dessa paisagem tão singular em tempos modernos e revelar o inusitado a quem não conhece, pois, homem e natureza devem prosseguir em harmonia tal como o pantanal conseguiu ao longo dos séculos.

A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

Deleuze afirmou que os meios cinematográficos de reprodução apesar de artificiais produzem bons resultados, pois conquistavam uma autonomia capaz de produzir várias linguagens. Na linguagem cinematográfica os planos são considerados como a imagem fílmica que apresenta o conteúdo material e o conteúdo dramático o plano é distribuído conforme seu tamanho o qual determinará a duração e a distância que há entre os objetos em relação à câmera, contribuindo assim para a percepção dos fatos sequenciados.

O Filme Planuras de Mauricio Copetti, inicia com uma breve narrativa da pesquisadora Aline Figueiredo, sobre a localização geográfica do pantanal, a imagem captada em primeiro plano, é da mão da pesquisadora segurando um globo terrestre. Em seguida a cena inicial do filme começa com o céu trovejando e relampejando anunciando a chegada das chuvas. Nesse momento a trilha sonora do filme se mistura ao som dos trovões, um arranjo realizado por Claudio Peña, com Violoncelo, o som aumenta a intensidade à medida que a tempestade avança, A trilha sonora mistura ao som dos animais e da chuva, e o movimento das águas construindo uma perfeita associação entre imagem e som.

Os personagens do filme foram os próprios nativos do pantanal, desenvolveram seus papéis à medida do seu cotidiano, Gilles Deleuze em “A imagem-tempo” de 2005, caracteriza essa ação baseado na teoria de Pasolini como “Um personagem age na tela e supõe que veja o mundo de certa maneira. Mas ao mesmo tempo a câmera o vê, e vê seu mundo de

um outro ponto de vista que pensa, reflete e transforma o ponto de vista do personagem. E é dessa forma que a imagem percepção encontra seu estatuto, como subjetiva livre indireta, assim que reflete seu conteúdo, numa consciência-câmera que se tornou autônoma.” (p. 89).

Nas cenas dentro da água, o movimento da câmera o Travelling se desloca, de um ponto distante vai aproximando de dois meninos remando no rio conversando acerca do tempo e da cheia. Nessas cenas o cinema imita a vida, pois tudo é movimento no cotidiano das pessoas. “O plano de imanência é o movimento (a face do movimento) que se estabelece entre as partes de cada sistema e de um sistema ao outro, atravessa-os a todos, abarca-os e os submete a condição que os impede a condição de serem absolutamente fechados”. (DELEUZE, pág., 71).

Copetti utilizou muito do recurso imagem-afecção, ou seja, em primeiro plano, na construção do seu filme, uma leitura afetiva no qual as expressões faciais demonstram o movimento de expressão de cada personagem. DELEUZE afirma que; “Na medida que pensa em algo o rosto vale sobretudo por seu contorno envolvente, sua unidade refletora que eleva a si todas as partes”. (2005, p.105)

Mauricio Copetti captou com sua câmera, de maneira subjetiva, toda sensibilidade no olhar do homem pantaneiro que chegou no pantanal junto com o nativo que já estava no local, e a relação de ambos com o ambiente, que se traduz em lembranças e sentimentos mediados pela memória. Para tanto essa permanência no local criou raízes profundas com afetividade e sensação de pertencimento, eles olham essa paisagem com os olhos e coração.

Na última cena do filme o cinegrafista mergulha com a câmera, e filma a vegetação submersa com os peixes circulando de um lado ao outro e nesse mover das águas, é possível ver e ouvir os pingos da chuva embaixo da água.

Por fim assim Copetti define sua obra: “É um olhar de transformações de uma paisagem delirante, que redesenha continuamente entre os opostos do ciclo das águas, resultando no nascimento de uma cultura singular na maior planície inundável do mundo: o pantanal”.

O ESPAÇO DA ARTE NA LITERATURA E CINEMA

Ambos artistas utilizaram diferentes aparatos, meios e suportes para tornar evidente o poder que o olhar e a contemplação têm para a reflexão e assim intervir nas diferentes sensações do espectador a partir de experiências já adquiridas ou não, inclusive para pensar em espaços e organizações sociais.

Quando a arte se aproxima dos efeitos e dos materiais ela ganha maior relevância na recepção desta prática estética, tanto a disposição do que está escrito no poema ou quanto ao que é assistido na tela. Os diferentes meios se entrecruzam em algum ponto, música, filme, poesia, aparte, cinema, fotografia podendo usar uma mesma linguagem.

A construção da obra fílmica de Copetti é como um livro de poesia ou como um livro filme de paisagens soltas, deixa brechas para que o leitor e espectadores conectem a sua memória a partir das imagens do rio, pôr do sol, a trilha sonora com Acordeom, Tambores, Violão e vozes compõe um cenário de resíduos poéticos que por ali transitam e nos remetem as nossas raízes e a essência sertaneja servem para inspirar e refletir na preservação da cultura e da natureza.

O cinema tem esse poder transformador, ou consciência cinematográfica, que não é a nossa, como preconizado por (DELEUZE, pág. 29):

não somos nós, o espectador, nem o herói _____ é a
câmera, ora humana, ora inumana ou sobre-humana.
Que se considere o movimento da água, o de um
pássaro ao longe e o de um personagem num barco: eles
se confundem em uma percepção única um todo
tranquilo da natureza humana.

A obra de Manuel de Barros “O guardador de Águas” “é toda fundamentada em sua experiência como morador de uma região inóspita ressignificada por meio de seus poemas. Ele inaugura o lugar da poesia como um criar e recria, tornando tudo possível de metaforizar, pois o fazer da natureza é a poesia “. Quando as aves falam com as pedras e as rãs com as águas - é de poesia que estão falando” (BARROS, 1998:55)

Para Barros o homem deveria aprender a falar como a natureza, com a sensibilidade e consciência ecológica, por isso ele coloca nos seus versos a imagem que ocorre na prosa poética colocando o leitor diante de uma realidade concreta. Ele passa a ser considerado o criador da linguagem natura e afirma que “o poema transcende a linguagem porquê é

imagem” então o leitor ao ler Barros contemplará um cenário onde os seres vivos se movimentam e Copetti gira sua câmera em todos os ângulos para captar a atuação desses mesmos seres vivos, protagonizando a própria existência. Tanto os autores como o espectador-leitor experimentam um mundo afetivo, que transforma à nossa maneira de experimentar o mundo, suscitando uma realidade e crendo que o que aparece nas obras é a realidade.

BIBLIOGRAFIA

AUMNONT, Jacques (org.). A estética do filme . Tradução de Marina Appenzeller. Ed. Papirus Campinas, 2012.

BARROS, Manoel. *Concerto a céu aberto para solo de árvores*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. *Matéria de poesia*. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Record: 2001.

_____. *Livro das pré-coisas*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. *O guardador de águas*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *Memórias Inventadas. A infância*. São Paulo, Editora Planeta do Brasil: 2003

DELEUZE, Gilles. Cinema 1 A imagem -movimento. Editora Brasiliense S.A., 1983
<https://www.acritica.net >editorias> filme planuras>

DINIZ, Thais Flores Nogueira. Interdisciplinaridade, literatura e cinema. Florianópolis. Editora UFSC 1986.

To cite this article: Robert Leston (2013) Unhinged: Kairos and the Invention of the Untimely, Atlantic Journal of Communication, 21:1, 29-50, DOI: [10.1080/15456870.2013.743325](https://doi.org/10.1080/15456870.2013.743325)

WOLTERSTORFF, Nicholas. Art in Action: Toward a Christian Aesthetic. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1980.

[HTTPS://WWW.documentapantanal@gmail.com](https://www.documentapantanal@gmail.com)

– IDS INSTITUTO DELTA DO SALOBRA

HTTPS://WWW.ACRÍTICA.NET >EDITORIAS> FILME PLANURAS
Planuras (MAGUAATO FILMES IN COPETTI) 2015

Argumento: Mauricio Copetti

Fotografia: Mauricio Copetti

Montagem: Alexandre Gwaz

Assistente de Direção e Produção: Conrado Joel

Fotografia adicional: Conrado Roel, Fernanda Preto, Cristian Dimitrius, Juca Ygarapé

Colorista: Bernardo Brik

Edição de Som e Mixagem: Fernando Basso

Incidentes musicais: Claudio Pena (cello), Leonardo Copetti (teclados e samplers), Antonio Porto (voz e violão), Jonas Feliz (multi-instrumentista), Mauricio Copetto (acordeão)

Estúdios de Som: Estudio da Paz — Som de Cinema

Projeto gráfico: Lula Ricardi-XYZ Design

Computação gráfica: J Junior – Animatronic

XAVIER, Ismail. O discurso cinematográfico e a transparência. 2ª edição Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.